



**06**

Artigo recebido em: 23/10/2015

Artigo aprovado em: 02/12/2015

DOI 10.5380/2238-0701.2015n10p161-180





## **“O mais importante é que a outra pessoa possa te perceber forte”: narrativas de superação em término de relacionamento enquanto performance de si no Facebook**

*“Lo más importante es que la otra persona pueda  
percibirte fuerte”: narrativas de superación en término de  
relación amorosa como performance de sí en Facebook*

*“The most important thing is that the other person can  
perceive you as strong”: overcoming narratives in  
relationship breakups as self-performance on Facebook*

---

BEATRIZ BRANDÃO POLIVANOV \*

---

DEBORAH RODRÍGUEZ SANTOS \*\*

---

---

\* Docente do Departamento de Estudos Culturais e Mídia, bem como do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF); doutora e mestre em Comunicação pelo mesmo Programa, onde desenvolveu pesquisa de pós-doutorado com bolsa CAPES/PNPD na linha de Estéticas e Tecnologias da Comunicação. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Licenciatura pela Faculdade de Educação também na UFRJ. E-mail: beatrizpolivanov@id.uff.br.

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF) com bolsa PEC-PG/CNPq; possui graduação em Comunicação Social pela Universidad de La Habana. E-mail: debrs1990@gmail.com.

**Resumo:** Os sites de redes sociais têm se convertido em importantes plataformas de socialização e performance de si na recente década, transformando e ressignificando tensões entre as esferas do público e privado. Eles passaram a ter uma presença significativa na vida cotidiana dos sujeitos, nos modos de eles se autoapresentarem e lidarem com seus conflitos emocionais, usando-as como vias de expressão. O artigo tem como objetivo discutir, a partir do caso de uma jovem cujo casamento terminou, como sujeitos que se encontram em situação de fim de relacionamento amoroso se apropriam do Facebook para construir novas narrativas de si. Concluímos que seu discurso – entendido enquanto ato performático – remete diretamente à ideia de superação e que a plataforma parece auxiliar no processo de lidar com a dor da separação amorosa, ao mesmo tempo em que foi apontada como causadora da mesma.

**Palavras-chave:** Performance de si; Relacionamento; Narrativas de superação; Facebook.

**Abstract:** *Social networks sites have become one of the most used platforms of socialization and self-performance over the last decade, transforming and re-signifying tensions between private and public spheres. They began to have a very important presence in individuals' everyday lives, their ways of self-presentation, and dealing with their emotional conflicts using those channels as expression tools. Based on the case of a young woman whose marriage came to the end, the article aims at discussing how people who are living situations of breakups appropriate Facebook to build new narratives of themselves. We concluded that her discourse – assumed as a performative act – leads us to the idea of overcoming, and that the platform seems to help in the process of dealing with the breakup pain, at the same time that it was appointed as its detonator.*

**Keywords:** *Self-performance; Relationships; Overcoming narratives; Facebook.*

**Resumen:** *Las redes sociales se están convirtiendo en una de las plataformas de socialización y performance de si más usadas en la reciente década, transformando y resignificando tensiones entre lo privado y lo público. Ellas pasaron a tener una presencia significativa en la vida de los sujetos, sus modos de presentarse y lidiar con sus conflictos emocionales usándolas como vías de expresión. El presente artículo tiene como propósito discutir, a partir del caso de una joven cuyo matrimonio ha terminado, cómo sujetos que se encuentran en situación de fines de relación amorosa se apropiaran de Facebook para construir nuevas narrativas de sí. Concluimos que su discurso – entendido como acto performático – remite directamente a la idea de superación y que esta plataforma parece ayudar a lidiar con el dolor de la separación, mientras fue apuntada como la causadora de la misma.*

**Palabras clave:** *Performance de si; Relación amorosa; Narrativas de superación; Facebook.*

## Introdução

*“A amiga da minha irmã teve todo seu término de relacionamento documentado por seu status do Facebook. Ela e seu ex-namorado estavam se comunicando através de atualizações em seus status. Eu acho que começou quando ela colocou uma letra de música que representava como ela se sentia”*  
(Daniel Miller, **Tales from Facebook**, 2011, p. 174, tradução nossa)

A modernidade e principalmente o século XX trouxeram importantes mudanças nos imaginários individuais e coletivos sobre as noções de público e privado. A construção de uma moralidade burguesa e a ideia de que assuntos pessoais deviam ficar circunscritos ao âmbito do lar e da família foram gradualmente sendo substituídas por diferentes maneiras de os indivíduos lidarem com a questão da intimidade.

Na lógica da contemporaneidade os discursos têm assumido uma orientação cada vez mais alter-dirigida, em contraposição ao que acontecia nas sociedades pré-modernas, nas quais a relação íntima com o próprio eu – e não com a figura do “outro” – tinha uma grande importância para os indivíduos. Tem-se experimentado uma mudança significativa através da qual os atos expressivos individuais parecem precisar de uma condição para se darem efetivamente por completo: a presença de um outro nos ouvindo, lendo, observando e, portanto, significando-nos.

Neste contexto, os debates em torno do impacto que têm hoje os sites de redes sociais nas formas de socialização têm assumido em grande parte a ideia da superexposição do eu como condição *sine qua non* da convivência nesses ambientes (SIBILIA, 2009). Essa ideia de superexposição traz consigo o pressuposto de que questões da vida pessoal já não são mais propriedade do espaço privado. As questões mais íntimas deixaram de ser “resolvidas” no espaço fechado da individualidade, da introspecção, para serem expostas e solucionadas a partir dos olhares alheios que fazem parte das redes de contato dos sujeitos.

Ainda que concordemos em parte com tal perspectiva, interessamos aqui não corroborar a ideia de superexposição de si a partir de uma leitura atrelada ao narcisismo e ao suposto fim da intimidade, mas, ao contrário, entender *como* determinados aspectos que outrora

poderiam ser considerados íntimos dos sujeitos – no caso, o fim de um casamento – são apresentados à figura do outro e ressignificados através dos sites de redes sociais, envolvendo uma performance de si marcada pela auto-reflexividade (GIDDENS, 2002) e construída, tal como qualquer performance, junto à figura do outro.

Lidaremos, assim, neste trabalho com as “retóricas de duelo amoroso” no site de rede social Facebook, prestando especial atenção às narrativas que são construídas pelos sujeitos afetados para lidar com essas rupturas e quais são as causas que os motivam a se apresentarem nos seus perfis com certos tipos de conteúdos em momentos de dor.

Para tal, em um primeiro momento iremos discutir mais amplamente sobre a produção de subjetividade na contemporaneidade para que possamos, na segunda parte do trabalho, nos debruçar sobre os vínculos que se dão entre as narrativas autobiográficas que se constroem nos sites de redes sociais e a subjetividade do sujeito que é ao mesmo tempo autor e personagem das mesmas. Por fim, analisaremos discursivamente o caso de uma jovem de 25 anos de idade, de nacionalidade cubana, que passou recentemente por uma separação causada por situações nas quais as novas tecnologias da comunicação, e especificamente o Facebook, tiveram um papel decisivo. Curiosamente, tal jovem se utilizou da própria ferramenta como canal para exteriorizar seu sofrimento durante o processo e se ressignificar discursivamente, tal como discutiremos abaixo.

## **Produção de subjetividade na contemporaneidade**

Conforme apontamos brevemente acima, os regimes de produção de subjetividade e os limites entre público e privado têm passado por transformações significativas principalmente nos últimos dois séculos. Aquilo que para a filosofia moderna era considerado um desequilíbrio, na lógica da contemporaneidade tornou-se um sintoma de bem-estar. A crise, a catarse, deixaram de ser percebidas como signos de fragilidade para serem lidas a partir do terreno da normalidade, do “caos perfeito” que envolve não só aspectos materiais, mas também, e essencialmente, aspectos vinculados à subjetividade.

Nesse contexto, que alguns autores descrevem de modo um tanto pessimista como “esquizofrenia coletiva” (ROLNIK, 1997), situam-se discussões sob o viés das ciências sociais contemporâneas sobre

as regras morais cada vez mais difusas, as fronteiras entre público e privado borradas, as tecnologias desempenhando um importante papel na procura do conhecimento e na construção de identidades e a exteriorização de sentimentos como parte importante do cotidiano.

Isto não quer dizer que a necessidade introspectiva tenha desaparecido. Cria-se, ao contrário, um paradoxo ainda mais interessante, que diz respeito ao fato de a introspecção tender a se realizar através da extrospecção. Ou seja, autoconstruir-se é pensar em si mesmo, tendo como condição essencial a existência de um outro fazendo parte desse processo (SIBILIA, 2008).

Na contemporaneidade os processos de subjetivação não escapam desse dinamismo. A globalização aparece então como fator iniludível ao pensar esses fenômenos: vive-se em um mundo de conexões, de nexos, marcado pelas comunidades de interesses e as redes que estão ativas não só no espaço do material e palpável, mas também na dimensão virtual.

Se o século XX trouxe consigo mudanças infra e supra estruturais que afetaram diretamente as dinâmicas de sociabilidade, nos anos recentes chama a atenção a consolidação das redes virtuais como espaços de socialização, sobretudo, embora não exclusivamente, nos setores jovens.

A comunicação online através de sites de redes sociais como Facebook, Twitter, LinkedIn, entre outras, tem contribuído em grande escala para potencializar essas interconexões. É em meio desta voragem que conceitos como intimidade, privacidade, sexualidade, entre outros, têm adquirido novos significados para os indivíduos. O corpo deixa de ser sacro para virar – para alguns – objeto de exposição; o que antes era considerado vergonhoso agora pode se tornar motivo de orgulho e discussões que antes eram fechadas aos limites da casa, do espaço social mais reduzido, em muitos casos se resolvem na esfera pública (ou semi-pública) dos sites de redes sociais.

Seguindo esta linha de argumentação, as redes e os usos que têm ganhado, progressivamente, fizeram o ato de falar sobre si adotar novos valores em relação ao que significava nos séculos XVIII e XIX e é precisamente sobre estas tensões que se produzem narrativas virtuais que analisaremos neste trabalho. Faz-se necessário, portanto, que discorramos brevemente agora sobre o objeto do trabalho, Facebook, enquanto plataforma de produção de diferentes narrativas de si e expressão pessoal



## Narrativas autobiográficas e subjetividade na era do Facebook

Existe um forte vínculo entre emoção e discurso (BELLI et al., 2010). As emoções são construídas através da linguagem e as novas tecnologias da informação e da comunicação, os sites de redes sociais (SRSs) no nosso caso, têm favorecido a aparição de novos espaços expressivos. Os SRSs têm se aprimorado constantemente, incorporando funcionalidades cujo propósito é dar aos usuários a possibilidade de interagir com os outros de modo cada vez mais rápido e (supostamente) prático, contribuindo para a construção de um sentimento de *co-presença* (MILLER, 2011), de que se está presente junto ao outro, acompanhando sua vida diária, ainda que de forma mediada. Sendo assim, os perfis em SRSs podem potencialmente registrar o mundo afetivo dos usuários que ali convivem.

Tais dinâmicas intensas de publicação, trocas de mensagens e uso, por exemplo, de marcas expressivas próprias de alguns sites (como o botão “curtir” do Facebook) têm criado hábitos e jeitos próprios de se socializar que repercutem inclusive para além dos ambientes online<sup>1</sup>. Os modos como os sujeitos se apresentam para o outro e as estratégias de performatização de si têm se enriquecido e complexificado desde o surgimento dessas plataformas até hoje. Assim, os SRSs são relevantes para pesquisas de cunho sociológico, comunicacional, antropológico, dentre outros, tendo-se em mente que não só tem aumentado o número de pessoas usando as ferramentas, mas também a diversidade dos seus usos e apropriações.

De ambientes anônimos de chat *online* às atuais configurações de sites como Facebook, Instagram, Twitter e Pinterest as práticas de socialização virtuais têm também se diversificado. Algumas práticas comunicativas se consolidam, outras desaparecem quase por completo. Os diversos lugares digitais que permitem a autoapresentação e performance dos atores sociais – como blogs, SRSs, fóruns e salas de bate-papo (*chats*) – engendram modos diferentes e específicos para tal, uma vez que possuem finalidades, estruturas e públicos-alvo distintos. Assim, em salas de *chat online*, por exemplo, por serem um ambiente anônimo, no qual são comuns os contatos mais efêmeros e onde os indivíduos se apresentam basicamente através de um apelido

1 Vale pensar, por exemplo, em algumas campanhas publicitárias, embalagens de produtos e mesmo falas cotidianas que passam a incorporar o valor ou dinâmica do “curtir” do Facebook em seus discursos em ambientes *off-line*.

(*nickname*), é frequente a construção de “personagens” fictícios (ato de *role-playing*) (ZHAO, MARTIN E GRASMUCK, 2008). O oposto se daria atualmente nos SRSs, onde se preza – ainda que haja, claro, inúmeras exceções<sup>2</sup> – pela construção de uma persona “real”, em um ambiente primordialmente não anônimo. E faz parte desta complexa, fragmentária e, por vezes, contraditória construção, desta performance de si, expor sentimentos, dialogar com os pares, relacionar-se afetivamente com o outro, tendo em vista que se tratam de lugares nos quais as redes de contatos são usualmente compostas por pessoas conhecidas (BOYD E ELLISON, 2007; POLIVANOV, 2014), como família, amigos e também parceiros(as) amorosos(as).

A perspectiva que guia nosso enfoque neste trabalho é a de analisar as práticas comunicativas virtuais como práticas efetivamente complexas, repletas de contradições e intencionalidades, onde a subjetividade tem um papel medular, entendendo, desse modo, que tais práticas são performáticas. Nesse sentido, as ideias apontadas por Goffman (2009) para entender a performance como um ato inerente e cotidiano da sociedade moderna são fundamentais, bem como a noção da esfera (semi) pública contemporânea, de públicos em rede<sup>3</sup>, como espaços de autoconstrução do eu.

Passaremos agora, portanto, para a análise do caso de E.<sup>4</sup>, que experimentou no seu passado recente situações de duelo amoroso em parte por causa do Facebook e, ao mesmo tempo, encontrou nele uma via para canalizar os conflitos emocionais pelos quais estava atravessando nesse momento da sua vida. É importante destacar que o presente trabalho foca no plano do discurso e da narrativa da dor, não sendo um estudo psicanalítico, mas sim comunicacional, de um processo baseado na elaboração discursiva de uma ruptura significativa para a pessoa. Sendo assim, o foco da atenção situa-se na análise dos conteúdos e na fala da pessoa escolhida para o estudo, a qual foi selecionada de maneira intencional a partir da observação e nossas redes de contatos no espaço do Facebook<sup>5</sup>.

2 Vide, por exemplo, os perfis considerados *fake*, “falsos”.

3 Conforme argumenta Boyd [a autora utiliza letra minúscula para seu nome e sobrenome propositalmente <http://www.danah.org/>]: “Públicos em rede são públicos que são reestruturados pelas tecnologias em rede. Como tais, eles são simultaneamente (1) o espaço construído através das tecnologias em rede e (2) o coletivo imaginado que emerge como resultado da interseção de pessoas, tecnologias e práticas” (BOYD, 2010, p. 39, tradução nossa).

4 Utilizamos tal letra como modo de preservar a identidade da participante da pesquisa, que consentiu fazer parte da mesma de modo anônimo. O mesmo artifício será usado para manter o anonimato do ex-marido da informante.

5 Após a observação de nossas redes de contatos, E. foi escolhida como participante deste

## **Caso E.: “O mais importante é que a outra pessoa possa te perceber forte”**

E. chegou ao Brasil em março de 2015. Sua chegada estava relacionada não só a seu projeto profissional de cursar o mestrado, mas também a continuar compartilhando a sua vida com A., seu marido, que estava morando no país há pouco mais de um ano. Estar em solo brasileiro seria para ela a concretização da continuidade de sua relação com A., de quem tinha se separado fisicamente fazia já um tempo, mantendo contato através de tecnologias da informação e comunicação (TICs).

As primeiras semanas foram cheias de esperanças e expectativas. E. sentia-se plena no plano profissional e afetivo, até o dia em que um computador sem senha de segurança colocou-se no seu caminho pondo à prova seu autocontrole em relação ao respeito da privacidade alheia, neste caso, a privacidade de seu esposo.

Ao tomar a decisão de transgredir esse espaço privado, entrando nas contas abertas do seu marido, E. não tinha plena consciência do que podia encontrar na “vida virtual” da pessoa com a qual tinha compartilhado os últimos seis anos da sua vida. Foi assim que descobriu que já há um certo tempo A. mantinha relações afetivas e sexuais com outras pessoas e tinha deixado rastros dessas experiências na sua caixa de mensagens do Facebook.

A questão da vigilância tem, sem dúvida, adotado novas nuances a partir da emergência dos SRSs. Estudos têm demonstrado como nos últimos tempos tais sites têm potencializado a necessidade e a possibilidade de as pessoas monitorarem seus parceiros (FARRUGIA, 2013). Isso não quer dizer, é claro, que antes de tais ferramentas surgirem não era possível o monitoramento das atividades de outrem. Entretanto, elas possibilitam, em determinados casos, a realização de uma vigilância online através dos rastros digitais (BRUNO, 2012) que são deixados, sejam eles públicos ou privados, potencialmente afetando o relacionamento de casais, em especial aqueles nos quais ao menos um dos seus componentes se sente em situação de desconfiança, conforme aponta Farrugia (2013):

---

estudo exploratório, consentindo que colhêssemos material de seu perfil para análise, bem como concedendo-nos entrevista online.

Quando uma das partes que compõem um casal sente pouca confiança em seu parceiro, existem altas probabilidades e condições favoráveis para o comportamento ciumento, especialmente se a pessoa espera ver ao seu parceiro envolvido em outro relacionamento online (FARRUGIA, 2013, p. 21).

Com a realização deste trabalho constatamos - a partir da entrevista realizada com E. - como o que ocorreu no caso aqui analisado confirma tal ideia. Assim como declarou, E. dizia se sentir bastante insegura com seu relacionamento, a partir de eventos anteriores que nada tiveram a ver com a causa pontual da ruptura do casal; mas que, aos poucos, fizeram que ela comesse a agir de maneira que poderia ser considerada desequilibrada, especialmente nos espaços de sociabilidade virtual onde ambos conviviam. Estar constantemente revisando o perfil de A. converteu-se em uma necessidade excessiva para ela e aquela vontade de vigilância continuou a crescer até chegar no ponto sem retorno que foi o fato de ela ter acessado as contas pessoais do seu marido no Facebook, encontrando ali a confirmação dos seus temores.

Ouvimos com certa frequência em nosso cotidiano relatos parecidos com o reportado acima. Estudos têm demonstrado que a partir de 2004 o Facebook tem sido o principal detonador de muitas rupturas de casais e com uma tendência a aumentar segundo fontes tais como a revista *Cyber Psychology and Behaviour*<sup>6</sup>.

Uma análise dos conteúdos no perfil de E., assim como a entrevista realizada como parte desta pesquisa<sup>7</sup>, permitiu constatar a existência de uma vontade performática na estruturação do seu discurso virtual no Facebook. Neste ponto é preciso voltarmos para a ideia de autoapresentação e o conceito de “gerenciamento da impressão”, propostos por Goffman e apropriados em pesquisas sobre sites de redes sociais por autoras como Boyd e Ellison (2007), os quais acreditamos serem centrais para analisar o “fenômeno” aqui apresentado.

Quando um indivíduo apresenta-se para a sua rede de contatos em sites como Facebook, ele tem certa consciência de estar colocando a sua narrativa de vida à disposição do olhar alheio, composto por uma rede de contatos, um grupo de pessoas com as quais se relacio-

6 <http://www.cyberpsychology.eu/index.php>. Último acesso em 17. Jul. 2015.

7 A entrevista foi realizada no dia 20 de maio de 2015, através de vídeo ligação realizada pelo Skype, com uma duração aproximada de 40 minutos.

na, que é heterogêneo e tem níveis de significado afetivo diferentes para quem se autoapresenta. Isto quer dizer que, ao construir um discurso virtual nos SRSs, o indivíduo está se situando em um lugar de fala particular, sob conhecimento de estar sendo percebido e até suscetível de ser julgado por quem o lê, pessoas que bem podem ser familiares, amigos ou até desconhecidos presencialmente.

Quando os sujeitos se apresentam nos seus perfis sociais, estão legitimando a existência de um “outro” que os vê e interage com eles através de ações de valor (curtidas, comentários etc.); um outro cuja presença é condição indispensável para que a ação performática tenha algum sentido de sociabilidade.

No caso analisado, podemos notar como o argumento de que as narrativas de si no Facebook são performáticas se confirma. Depois de ter se separado de quem foi seu marido por seis anos, E. decidiu que o site não iria ser somente o detonador da ruptura do seu matrimônio, mas também seu “terapeuta”, segundo a sua própria fala, optando por criar uma nova persona naquele ambiente. O ato de criar um perfil novo está claramente atrelado com o começo de uma nova vida, a ideia do “começar do zero”, neste caso virtualmente também, e isso incluía a renovação do seu “cartão de apresentação” gráfico: a foto de perfil, sua autodescrição e particularmente eliminar todo sinal que a conectasse virtualmente com A. (fotos juntos, *hashtags*, vídeos, etc.), o que já é sintomático da vontade de assumir uma posição virtualmente com relação a seu “duelo amoroso”. Segundo nos revela a informante:

Depois da nossa separação decidi cancelar a minha conta e criar uma totalmente nova onde não houvesse nenhuma foto, texto ou qualquer conteúdo que nos relacionasse como casal (E., 2015).

No entanto, nos primeiros momentos, não houve silêncio por parte de E. em relação à ruptura, ao contrário, em sua *timeline*<sup>8</sup> no período correspondente a essa etapa nota-se claramente que estava desiludida por causa daquela situação. E ainda, mesmo o início de uma “vida virtual” nova não significava para ela eliminar qualquer tipo de contato com A.:

8 Linha do tempo, em português. Trata-se do local onde as publicações como textos, imagens, links etc. dos perfis ficam registradas no Facebook. É um espaço claramente atrelado à persona dos atores sociais e organizado a princípio segundo uma lógica cronológica de publicação (da mais recente à mais antiga).

Ao criar o novo perfil, enviei uma solicitude de amizade para A, pois além de tudo continuamos sendo amigos e, sobretudo, por não dar que falar a terceiras pessoas que conhecem nossa situação sentimental (E., 2015).

E. busca construir a própria versão de si que lhe interessa mostrar para o mundo. Trata-se de um processo de autoconstrução autorreflexivo (GIDDENS, 2002), consciente e calculado, no qual nenhum conteúdo foi colocado aleatoriamente, pelo contrário, cada comportamento é expressão da vontade de alcançar efeitos específicos no público que assiste (rede de contatos) e de desenvolver as suas próprias emoções através da linguagem, da conversa coletiva virtual.

Tal performatividade discursiva suscita questionamentos sobre a autenticidade do discurso virtual, enquanto narrativa que visa expressar a subjetividade do indivíduo. Isto é, se tal discurso é fabricado, construído e não reflete necessariamente como a pessoa se sente no momento, mas sim como quer se sentir ou quer ser vista, poder-se-ia dizer que se trata de uma fala falsa, mentirosa? Não seguimos tal perspectiva, entendendo que qualquer ato comunicativo deve ser entendido enquanto um ato performático e que:

As pessoas são leitores e autores ao mesmo tempo. As identidades são reveladas, e mascaradas, fabricadas e roubadas. Este tipo de comunicação [virtual] é altamente performática. Anima emissores e receptores a usar as suas imaginações, navegando e interpretando a nuvem dinâmica de possibilidades que rodeia cada mensagem. (SCHECHNER, 2013, p. 4).

A comunicação virtual em certa medida possui uma dose importante de “flexibilidade” que a comunicação física não permite, tendo-se em mente que não há constrições físico-materiais<sup>9</sup>. Além disso, ao ser mediada por ferramentas que burlam as barreiras temporais e espaciais, favorece a criação de mensagens mais premeditadas.

No caso analisado, vemos como o discurso vai se construindo como resultado da tensão entre dois elementos importantes: a dor que resulta de todo processo de perda, por um lado, e a necessidade de se mostrar como uma pessoa que, apesar de ter sofrido uma expe-

<sup>9</sup> Pode-se, por exemplo, estar em prantos ao escrever uma mensagem no Facebook, mas tal situação poderá passar completamente despercebida pelos leitores no site, o que não ocorreria em uma comunicação presencial.

riência de separação, “não é emocionalmente vulnerável”, por outro lado. Isto encontra a sua expressão mais palpável, quando ao analisar a própria fala de E., percebemos como ela reconhece que depois de se separar, seu discurso no Facebook esteve voltado para dar aos seus contatos (incluindo seu ex marido) a impressão de estar começando uma vida nova e para isso valeu-se de recursos expressivos tais como fotos, vídeos e textos, nos quais o otimismo ante a vida e as atitudes firmes em relação ao amor incondicional parecem ser a mensagem de fundo a cada postagem, conforme mostra o conteúdo a seguir, publicado por E. em sua *timeline*:



Figura 1: Postagem que reflete a lógica discursiva assumida por E. depois da ruptura.

Embora seu comportamento no Facebook indicasse esse tipo de estado emocional confirmado pelas postagens (Figura 1), as ações de E. no site por detrás do visível muitas das vezes não eram coerentes com a ideia de indiferença, ou melhor, de superação que sua rede de contatos estava percebendo na sua *timeline*. E. chega a afirmar que continuou a vigiar intensamente o perfil de A. durante o período pós-término:

A princípio passava o tempo todo pendente das últimas vezes que se conectava, mexendo no seu perfil e procurando elementos que me dessem algum indício de seus vínculos com outras pessoas, tipo novas amizades e ultimas publicações. (E., 2015)

Nas imagens abaixo, por exemplo, notamos como seu jeito de assumir publicamente a dor estava sendo elaborado desde uma perspec-



tiva triunfalista, e como isso era efetivamente um recurso para ressignificar aquela experiência afetiva. Conforme aponta Sibilia (2008):

Produzir o efeito desejado: disso se trata, justamente, quando se considera a construção de uma subjetividade alterdirigida ou exteriorizada. É para isso que se elabora uma imagem de si: para que seja vista, para exibi-la e que seja observada, para provocar efeitos nos outros. (SIBILIA, 2008, p. 244).



Figura 2: Postagens de auto-afirmação de E.<sup>10</sup>

São observadas nesse período de ruptura postagens que refletem as variações anímicas de E., dentre as quais se destacam a publicação de fotos onde ela aparece sempre sorrindo, imagens que remetem a esse estado de bem-estar que queria transmitir para seus contatos, entre eles, seu ex-marido. Nas palavras de Bezerra:

Comportar-se de modo a exibir uma imagem saudável significa apresentar-se, a si e aos demais, como sujeito independente, responsável, confiável, dotado de vontade e autoestima. Recusar esse imperativo ou simplesmente deixar de privilegiá-lo em relação a outros é expor-se a reprovação moral e ao sentimento de desvio, insuficiência pessoal ou fracasso existencial (BEZERRA, 2002, p. 234).

Além disso, sobressaem também textos, trechos, citações de escritores, figuras públicas ou até dela mesma cuja mensagem de fundo é também esse discurso que potencializa a autoestima e incita ao

<sup>10</sup> Textos traduzidos: “As grandes mudanças sempre vêm acompanhadas de uma forte sacudida. Não é o fim do mundo. É o início de um mundo novo”. E “Quando Deus apaga algo de sua vida é porque vai escrever coisas melhores”.



sujeito se auto-respeitar e amar para além das circunstâncias que o afetam. Aí encontramos uma coerência com o argumento defendido por Freire Filho, quando, ao referir-se a estes fenômenos, declara que:

A tristeza se encontra inteiramente destituída de sentido ou dimensão positiva, o mal-estar existencial mais oportuno é repelido como um estorvo. Convém aparentar-se, invariavelmente, bem adaptado ao ambiente, irradiando confiança e entusiasmo, alardeando uma personalidade extrovertida e dinâmica (FREIRE FILHO, 2010, p. 1).

Em sentido geral, aprecia-se na narrativa construída por E. no seu perfil um ânimo orientado à superação desse estado emocional negativo no qual se encontrou posteriormente à ruptura com seu marido, porém, a maneira de ela se comportar em privado, conforme sua fala, – sem o olhar dos amigos e conhecidos que compõem sua rede de contatos, entre eles A. – resultava incoerente com as mensagens de fundo implícitas no seu discurso (postagens de “real” superação), o que nos permite confirmar da sua parte o caráter plenamente consciente, performático e até estratégico na estruturação dos seus conteúdos virtuais pós ruptura. A *timeline* de E. foi, para ela, em grande medida, um repositório virtual onde ficaram registrados os sinais do término de seu relacionamento mais recente, funcionando não só como ponto de ruptura do seu matrimônio, mas também como espaço testemunhal fundamental (segundo a sua própria fala) para “encarar” e superar aquela experiência afetiva que foi descrita ao longo desta análise.

## Considerações finais

Ao falarmos de relações amorosas nestes contextos devemos ter em conta que a tecnologia é um objeto ativo, um actante com agência nos termos de Latour (2012), que, embora não só por si mesma, desempenha funções relevantes quando se trata de relacionamentos na contemporaneidade. Se, por uma lado, pode-se argumentar que a hiperexposição de si – unida a outros fatores como a hiperconectividade –, está contribuindo para a proliferação de inseguranças, paranoias e ciúmes excessivos nos casais e ao incremento da sensação de ameaça externa que provocaria a necessidade de manter o outro “sob controle”, exercendo a vigilância virtual; por outro lado, percebemos,

através do caso analisado, que as mesmas ferramentas mediam as performances discursivas de si e podem estar diretamente relacionadas com formas de lidar expressivamente com sentimentos dolorosos.

Buscamos, desse modo, neste artigo trazer dados empíricos sobre os efeitos que os sites de redes sociais estão tendo no contexto das relações afetivas e como estes ambientes estão também sendo usados como espaços testemunhais, potencializando comportamentos performativos vinculados à possibilidade de gerenciar discursos sobre si e, conseqüentemente, identidades, construídos na base de aspirações e efeitos desejados no outro que assiste à nossa fala.

O sujeito contemporâneo está se incorporando cada vez com mais força às dinâmicas de *self disclosure* (KRASHNOVA et al., 2009), de “abertura”, nessas plataformas, que têm tido um desenvolvimento gradual ao longo dos anos vinculado ao ritmo de crescimento e consolidação das novas tecnologias e sua onipresença na vida cotidiana.

Sem ânimo de generalizações, existe uma tendência cada vez mais forte a fazer da intimidade um assunto (semi) público, e quando se trata de experiências de dor, que envolvem afetos e emoções negativas, os perfis virtuais podem estar exercendo um papel considerável na superação destes sentimentos.

Embora muitas das vezes haja claramente uma “dissonância cognitiva” (FESTINGER, 1957), uma defasagem entre os comportamentos e narrativas visíveis de uma pessoa e o que realmente está pensando e sentindo sobre uma dada situação, consideramos que todo e qualquer discurso deve ser entendido enquanto um ato performativo. E, além disso, tais discursos de superação são emocional e comunicativamente importantes quando se trata de uma ruptura amorosa. Ainda que nesse discurso perceba-se uma orientação marcadamente de ordem neoliberal e triunfalista, ao mesmo tempo ele serve como via de escape e de renovação do sujeito, seja qual for a via usada para canalizar esse ânimo.

## Referências

BELLI, Simone; HARRE, Rom; ÍÑIGUEZ, Lupicinio. Emociones y Discurso: Una mirada a la narrativa científica de la construcción del amor. **Prisma Social**, n. 4, 2010. Disponível em: <file:///Users/biapoliva/Downloads/Dialnet-EmocionesYDiscurso-3632596.pdf>. Acesso em: 02 out. 2015.

BEZERRA, Benilton. O ocaso da interioridade. In: PLASTINO, Carlos. (Org). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa Editora, 2002.

BOYD, Danah. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: PAPACHARISSI, Zizi (org.). **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**, 2010, p. 39-58.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: Definition, history, and scholarship. Indiana: **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, online, 2007.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. **Revista Famecos**. PUCRS: Porto Alegre, v. 19, n. 3, 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12893/8601>. Acesso em: 02 out. 2015.

FARRUGIA, Rianne. **Facebook and relationships: a study of how social media use is affecting long-term relationships**. Nova Iorque: Rochester Institute of Technology, 2013. Disponível em: <http://scholarworks.rit.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1033&context=theses>. Acesso em: 02 out. 2015.

FESTINGER, Leon. **A Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1957.

FREIRE FILHO, João. Fazendo pessoas felizes: o poder moral dos relatos midiáticos. Artigo apresentado no **XIX Encontro da Compós**, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

KRASHNOVA, Hanna; KOLESNIKOVA, Elena; GUENTHER, Oliver. It won't happen to me: self disclosure in online social networks. **Americas Conference on Information Systems (AMCIS) Proceedings**, 2009. Disponível em: <<http://www.icsi.berkeley.edu/pubs/other/itwont09.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2015.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social** – Uma introdução à teoria ator-rede. Bauru: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2012.

MILLER, Daniel. **Tales from Facebook**. Malden: Polity Press, 2011.

POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais**: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

RIVERA, Lilia; ARÁMBULA, Rosalva. Influencia del Facebook em la relación de pareja. **Educateconciencia**, n. 4, 2014. Disponível em: <<http://www.tecnocientifica.com.mx/volumenes/V4A17.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2015.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempos de globalização. In: LINS, Daniel (org.). **Cultura e subjetividade** – Saberes Nômades. Campinas: Papirus, 1997, p. 19-24.

SCHECHNER, Richard. What is performance studies? **Rupkatha Journal**, n. 2, 2013.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ZHAO, Shanyang; GRASMUCK, Sherii; MARTIN, Jason. Identity construction on Facebook: digital empowerment in anchored relationships. **Computers in Human Behavior**, n. 5, 2008. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563208000204>>. Acesso em: 02 out. 2015.